

OS ESPAÇOS SAGRADOS E PROFANOS DA FESTA DO SENHOR DO BONFIM: UM ESTUDO DE CASO NA CIDADE DE BOCAIÚVA-MG

The Sacred and Profane Spaces of the Senhor do Bonfim Festivity: A case study in the city of Bocaiúva-MG

Ramony Pereira Batista (*in memoriam*)

Geógrafa e doutoranda em Geografia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais; bolsista CAPES, Brasil.

ramonybatista2712@gmail.com

Ricardo Henrique Palhares

Doutor em Geografia e professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Montes Claros-MG, Brasil.

ricardo.palhares@unimontes.br

Recebido: 04.10.2021

Aceito: 23.03.2022

Resumo

A abordagem geográfica da religião parte do entendimento desta como parte integrante da cultura e de ser uma manifestação espacial. O Catolicismo é parte constituinte da história, da formação social, cultural e religiosa dos brasileiros, porém, sua prática possui características singulares e com forte sincretismo. As festas devocionais são traços do catolicismo português e aqui é marcado por fortes tradições populares em seus rituais e espaços. O objetivo desse estudo é analisar o estabelecimento dos espaços sagrados, fixos e móveis, e do espaço profano nas festividades em honra ao Senhor do Bonfim, na cidade de Bocaiúva, no Norte de Minas Gerais. Os procedimentos teórico-metodológicos estão ancorados na literatura especializada da Geografia da Religião, bem como visitas às festividades na área de estudo. Afirma-se que a religião é um fator importante na construção e cotidiano das cidades, especialmente as médias e pequenas.

Palavras-chave: Tradição popular; Catolicismo; Espaço; Sacralidade; Bocaiúva-MG.

Abstract

The geographic approach to religion is based on the understanding that religion is an integral part of the culture and a spatial manifestation. Catholicism is part of Brazilians' history, social, cultural, and religious formation; however, its practice has unique characteristics and strong syncretism. Devotional festivals are traces of Portuguese catholicism, and here it is marked by strong popular traditions in its rituals and spaces. This study aims to analyze the establishment of the sacred, fixed and mobile spaces and the profane space in the festivities in honour of Senhor do Bonfim, in the city of Bocaiúva, in the North of Minas Gerais. The theoretical and methodological procedures are based on the specialized literature on the Geography of Religion and visits to catholic festivities in the study area. It is said that religion is an important factor in the construction and daily life of cities, especially medium and small ones.

Keywords: Popular Tradition; Catholicism; Space; Sacredness; Bocaiuva-MG.

1. INTRODUÇÃO

Indaga-nos primeiramente, a existência ou não de uma relação entre a ciência geográfica e religião. É possível uma abordagem espacial de um fenômeno subjetivo e experiencial? A ciência geográfica busca compreender a relação do homem com o espaço e as transformações ocasionadas por esta relação, sendo ela social, econômica, de produção, política e cultural. A partir do entendimento da religião como parte da cultura do indivíduo, tem-se que esta também é elemento modificador do espaço. De acordo com Rosendahl (2020), a manifestação da religião é espacial, o que afirma a proximidade entre geografia e religião, que acontece a partir da materialidade espacial desta.

A afinidade entre a geografia e a religião não é algo recente, mas, somente após a virada cultural na década de 1960, que a temática passa a estar mais presente nos estudos da escola da Geografia Cultural. Afirma-se, desta maneira, que o caminho epistemológico é contínuo, deste modo, os paradigmas são construídos no ato de fazer a ciência. A Geografia não fica a margem desta afirmativa, surgindo em sua história novos paradigmas em conformidade com o contexto sociocultural e econômico de cada época.

Para Claval (1992), a abordagem geográfica da religião parte da observação das marcas que a religião deixa na paisagem, no espaço. Basta um olhar para a paisagem das cidades e se percebe o uso de símbolos católicos, por exemplo, na porta das casas ou os templos presentes em toda a cidade. As sutilezas dessas marcas passam, quase sempre, despercebidas aos cidadãos, sendo comum um maior destaque durante as peregrinações ou nas cidades santuários, pois estas envolvem grandes templos e rotas. A religião condiciona esses aspectos da vida, indicando quais forças determinam o sucesso das culturas e dando uma dimensão ritual aos gestos técnicos.

Entende-se então que a Geografia da Religião estuda as transformações que os homens religiosos criam com suas práticas da religião no espaço, na paisagem, no território e no lugar. Destacamos que o homem religioso é também econômico, social, político e cultural, ou seja, apesar da religião ser elemento do qual estes estudos partem, não se negligencia outros aspectos e variáveis. Para Rosendahl (2018), a difusão das crenças, e as modificações no espaço por ela provocadas, são de interesse nos estudos geográficos acerca das religiões.

É preciso entender que a prática religiosa que modifica o espaço é fruto de uma experiência com o sagrado, este não pode ser criado, mas é revelado. Eliade (2018) define essa manifestação/revelação do sagrado como hierofania. Em seu entender, a religiões das

mais primitivas as mais elaboradas são constituídas por hierofanias: o crente está diante de algo misterioso, transcendente, ou seja, de algo que não está no mundo natural, profano.

Assim, é preciso definirmos espaço sagrado e espaço profano, o sagrado se impõe, se manifesta. Deste modo, o espaço sagrado é o local onde ocorre a hierofania. Este espaço é reconhecido pelos devotos, a manifestação do sagrado aconteceu e permanece acontecendo. Enquanto, o espaço profano é tudo aquilo que não é sagrado, ou seja, o espaço do cotidiano, de suas atividades e práticas.

O espaço sagrado é fruto de uma experiência com o sagrado, quase sempre a partir da hierofania; entretanto, é uma experiência individual, subjetiva e emocional. Deste modo, existe uma dificuldade em criar tipologias do espaço sagrado. De acordo, com as reflexões propostas por Rosendahl (2018), os espaços podem ser fixos e não fixos, não exigindo uma territorialidade definida. Os espaços sagrados móveis, especialmente os católicos, são marcados pela mobilidade dos festejos em honra dos santos. “O espaço sagrado está na casa do festeiro, e a festa é organizada pelos agentes não eclesiais, isto é, pessoas que não desempenham trabalho religioso especializado” (ROSENDAHL, 2018, p. 82).

Partindo desta realidade, buscamos refletir e analisar sobre as espacialidades na festividade em honra ao Senhor do Bonfim que acontece anualmente na cidade de Bocaiúva-MG. Apontamos como questões norteadoras a importância da devoção ao Senhor do Bonfim para a formação do espaço urbano da cidade em tela; a relação das festividades com a dinâmica urbana e a criação dos espaços sagrados fixos e móveis.

Existem diversas versões sobre o início da ocupação de Bocaiúva, mas em todas elas, aparece o “Senhor do Bonfim” como elemento crucial, visto que as casas são construídas em torno da capela construída e dedicada ao santo. A festa, realizada nos primeiros quinze dias do mês de julho modifica a dinâmica diária da cidade, com a vinda dos devotos e de diversos vendedores ambulantes que ocupam as praças e entorno da Igreja.

A devoção marca não apenas o início de ocupação da cidade, como aconteceu com diversas cidades brasileiras, mas também a sua dinâmica atual. Perante isso, buscou por meio do diálogo entre a teoria (abordem geográfica da religião) e a empiria, a observação da festividade e a constituição dos espaços sagrados e profanos, a construção deste texto. Destaca-se também uma revisão do levantamento histórico da cidade e da devoção ao santo, e a coleta de dados que permitiu conhecer melhor a realidade da dinâmica urbana. Vale ressaltar que, compreender o papel do sagrado no cotidiano das cidades, é compreendê-la para além do viés econômico, em sua toda sua pluralidade e movimento, pois sua construção é uma constante.

2. A CIDADE NORTE MINEIRA DE BOCAIÚVA: BREVE CARACTERIZAÇÃO

A interiorização do Brasil com o movimento das entradas e bandeiras, no século XVI, objetiva não só a posse, mas encontrar pedras preciosas e ouro, e estabeleceram fazendas ao longo do rio São Francisco. É neste contexto que surgem as primeiras bandeiras para o reconhecimento da região norte de Minas Gerais. No século XVII o bandeirante Fernão Dias Leme, encontra turmalinas na área que hoje é o município de Grão Mogol, e os outros integrantes Matias Cardoso de Almeida e Antônio Alves Figueira ocuparam e povoaram o norte de Minas de Gerais com a criação de fazendas e arraiais, como a Arraial das Formigas (atual cidade de Montes Claros) e a fazenda de Olhos d'Água, atualmente cidade de Bocaiúva. Desta maneira, a ocupação do município de Bocaiúva se confunde com a história de ocupação da região norte mineira (AMORIM, 1999).

Em seus relatos, Amorim (1999) diz que três grandes movimentos de bandeiras passaram pela região e constituíram fazendas, são elas: a de Navarro (1533), Tourinho (1572), e a de Fernão Dias (1677), sendo esta última responsável pela criação da fazenda dos Montes Claros, que daria origem ao atual município de nome homólogo. Em conformidade com este autor, pontua-se que o município de Bocaiúva nasceu com a Fazenda de Faustino Leite Pereira nos anos de 1710 e 1720, tornando-se o Curato de Macaúbas. No ano de 1884 é elevado à vila com o nome de Vila de Jequitaí. Em 1890, é emancipada a cidade de Bocaiúva.

Para Araújo (2020), a história de Bocaiúva é contada por duas vertentes: a mítica, pela perpetuação das tradições contadas a cada geração; e a dita oficial, com base nos dados históricos. Ater-nos-emos, aqui, nesta, enquanto que aquela será abordada posteriormente no texto. Relata-se que, em 1720, Dom Pedro, o Conde Assumar, sufocou uma rebelião em Ouro Preto, gerando a fuga tanto de fazendeiros quanto de escravos para a região norte de Minas, com o objetivo de chegar à Bahia. Um dos fazendeiros em fuga ordenou que seus empregados levassem junto aos seus bens uma imagem do Senhor do Bonfim trazida de Setúbal - Portugal, os empregados cansados permaneceram em Macaúbas (Bocaiúva), onde construíram uma capela e iniciaram a devoção. O ecoar dessa religiosidade na região trouxe à capela romeiros em busca de milagres, é neste cenário que se constrói as primeiras casas, nas terras pertencentes ao fazendeiro Faustino Pereira Leite.

Partindo deste breve contexto histórico, afirma-se que a compreensão do espaço urbano atual é possível a partir do entendimento do seu processo de povoamento e

ocupação, ou seja, é preciso conhecer e reconhecer a sua história. O atual município de Bocaiúva (Figura 1) ocupa uma área de 3.206,757 km², com densidade demográfica de 14,45 hab./km², uma população total de 46.654 habitantes. Residem em sua área urbana 36.600 habitantes e 10.054 habitantes na zona rural (IBGE, 2010).

Bocaiúva é limítrofe ao município de Montes Claros, cidade média e capital regional. A sua localização geográfica faz dela um entroncamento rodoviário importante entre o norte de Minas e a Região Metropolitana de Belo Horizonte (MG). No que tange as características “naturais”, o município em tela singulariza-se por ter baixas temperaturas médias anuais e uma precipitação de aproximadamente 900 mm; numa região marcada por temperaturas médias de 26°C. Nas porções elevadas da Serra do Espinhaço, ao sul, os verões são relativamente mais amenos e mais úmidos com temperaturas médias em torno de 20° C. A cobertura vegetal nessas porções é a dos campos de altitude (campos limpos e rupestres). Nas porções mais baixas centrais e das chapadas ao leste da folha, predomina o cerrado, quase que inteiramente devastado para o plantio de eucaliptos.

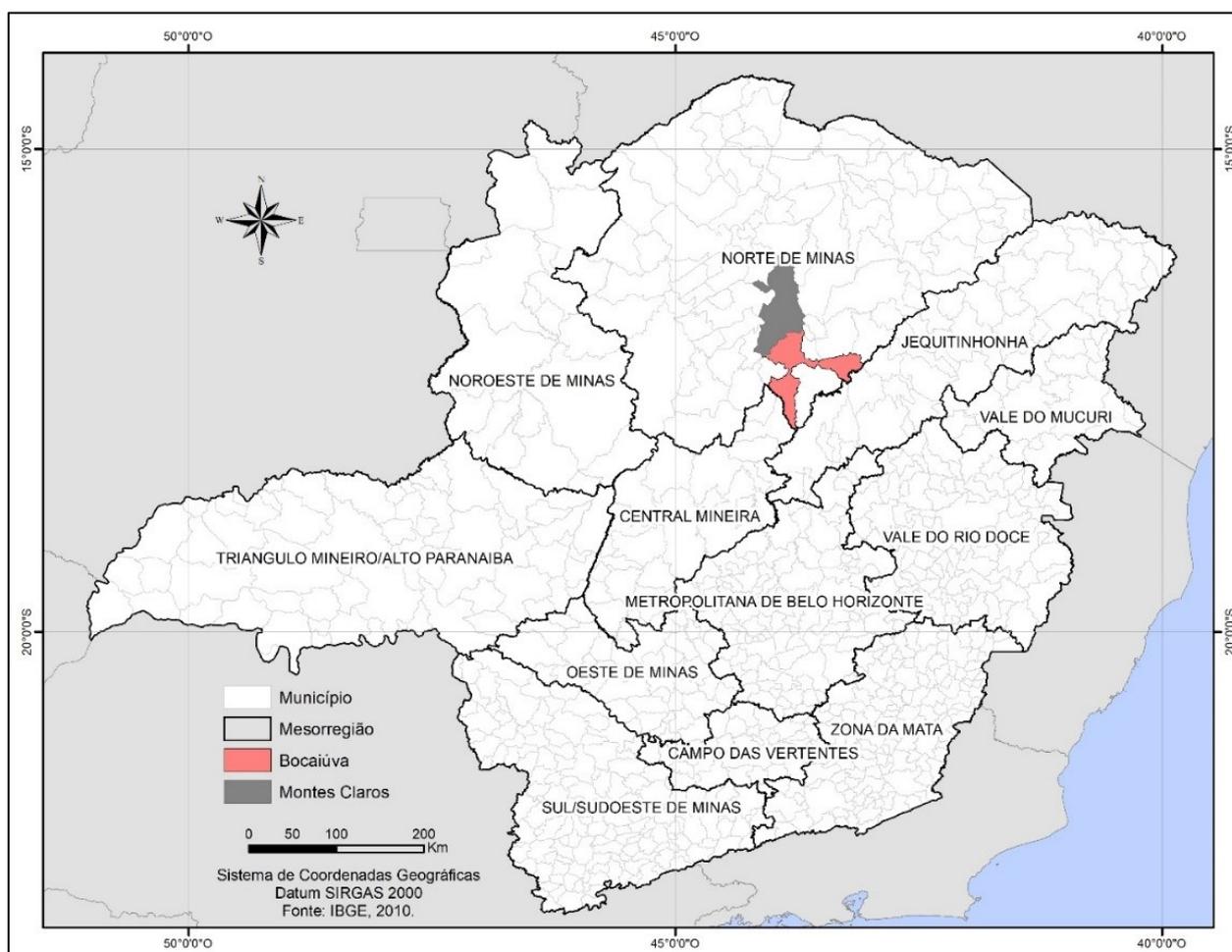


Figura 1 – Localização do município de Bocaiúva no contexto da região Norte de Minas Gerais. **Fonte:** IBGE, 2010. **Org.:** Os autores.

Tanto a ocupação quanto a urbanização do município supracitado sofreram intervenção do Estado: primeiro pela doação de terras (sesmarias) e depois com a inserção do norte de Minas na área de atuação da Superintendência de Desenvolvimento para o Nordeste – SUDENE, na década de 1960. Os investimentos deste órgão de fomento foram, em sua maioria, investidos na industrialização, visto que a indústria era entendida como mola propulsora do desenvolvimento econômico, especialmente pela geração de uma ampla oferta de trabalho¹. Chama-nos atenção que mais de 50% destes recursos foram direcionados a Montes Claros -MG. A criação de parques industriais em Montes Claros e a instalação de algumas firmas no entorno, como é o caso de Bocaiúva, alterou a distribuição espacial da população e solidificou Montes Claros como polo regional. De acordo com Araújo (2020) o dinamismo econômico de Bocaiúva é diretamente influenciado pela proximidade com Montes Claros. Sua atividade econômica é marcada pelo setor de serviços e por um setor secundário ainda incipiente.

Destacamos a importância de um olhar sobre o contexto histórico, econômico, demográfico, político e geográfico, dentre outros, para a compreensão da dinâmica urbana em sua diversidade de espaços e culturas. Ratifica-se, que este texto tem como objetivo entender a constituição dos espaços sagrados na festa do Senhor do Bonfim, essa breve contextualização sobre a *terra do Senhor do Bonfim*, em Bocaiúva, auxilia na compreensão das festividades e da relação sagrado e urbano.

3. ESPAÇO SAGRADO E PROFANO NA TERRA DO SENHOR DO BONFIM: BOCAIÚVA – MG

3.1. Espaço sagrado e espaço profano em diálogo

A compreensão conceitual de espaço sagrado e espaço profano se faz necessária antes de analisarmos as festividades em honra ao Senhor do Bonfim. A partir do diálogo de Rosendahl (2018) com a teoria de Mircea Eliade (2018), define o espaço sagrado como lócus da hierofania, ou seja, da manifestação do sagrado, sendo também construído pelos rituais. Enquanto, o espaço profano é o espaço da vida cotidiana, de tudo aquilo que não é sagrado. A figura 2 refere-se à relação entre estes espaços.

¹ Ver LEITE (2004); FRANÇA (2007) e PEREIRA (2007).

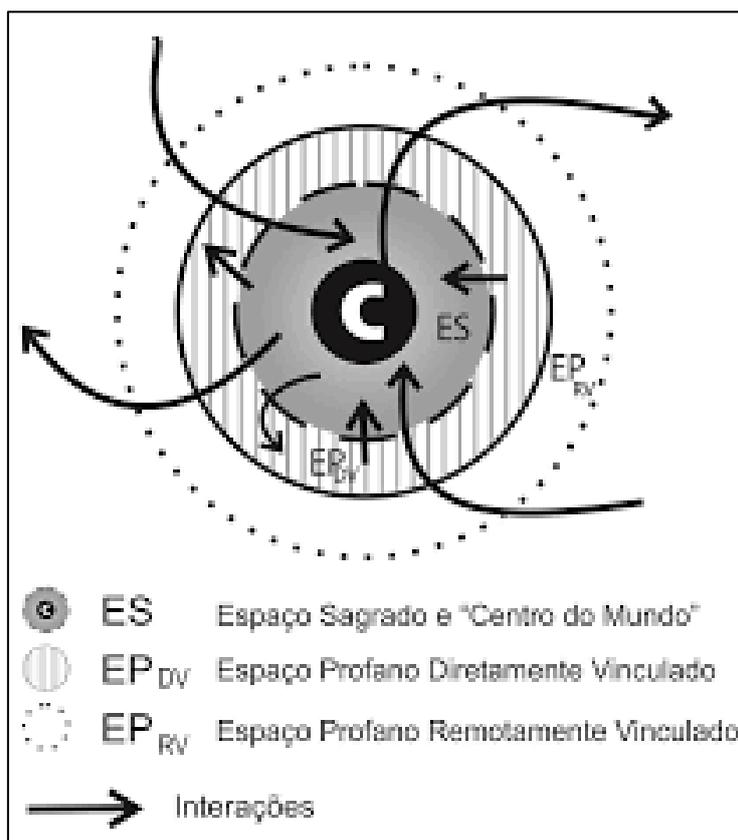


Figura 2 - Interação entre Espaço Sagrado e Espaço Profano.

Fonte: ROSENDAHL, 2014

Infere-se a partir da figura, onde a letra "C" corresponde ao espaço sagrado e centro do mundo, é o centro da hierofania e um ponto fixo. Os círculos concêntricos demonstram a área de abrangência do sagrado e o campo de forças onde o homem vive a sua fé. Observa-se que os limites são rígidos, que sagrado e profano são opostos, mesmo existindo interação entre eles. O espaço profano diretamente vinculado ao sagrado, ou seja, já, depende da prática religiosa, atende a uma demanda do devoto como lanchonetes e estacionamentos. O profano remotamente vinculado está presente com ou sem a presença do sagrado.

A relação entre os espaços sagrados e profanos, na concepção de Eliade (2018), apresenta rupturas que os tornam qualitativamente diferentes. Assim, o espaço se diferencia a partir e se traduz na oposição entre o sagrado, o espaço real, e o que o cerca. A hierofania não torna o espaço sagrado homogêneo e torna-se para o homem religioso um ponto fixo, central e de orientação. Deste modo, "[...] a revelação – do espaço sagrado tem um valor existencial para o homem religioso; porque nada pode começar, nada se pode fazer sem uma orientação prévia – e toda orientação implica na aquisição de um ponto fixo", (ELIADE, 2018, p. 26).

Em contrapartida, a experiência profana tem o espaço como homogêneo, não distinguindo qualitativamente e, portanto, sem um ponto fixo, sem orientação. Desta maneira, a experiência do espaço sagrado e do espaço profano acontece em oposição. Rosendahl (2018, p. 82) afirma que, “as atividades religiosas imprimem no espaço transformações que estão fortemente relacionadas com os aspectos culturais da comunidade, de tal modo que o espaço pode ser percebido de acordo com os valores simbólicos ali representados”. Partimos destas proposituras sobre os espaços sagrados e espaços profanos e suas tipologias para compreendermos as festividades do Senhor do Bonfim.

3.2. Os espaços sagrados da Festa do Senhor do Bonfim

O Catolicismo brasileiro é marcado pelas festas devocionais trazidas pelos portugueses e que aqui ganham contornos populares e, às vezes, sincréticos. A devoção ao Senhor do Bonfim é iniciada em Portugal no século XVI, chegando ao Brasil no século XVIII, na cidade de Salvador e posteriormente é espalhada pelo Brasil. Sua imagem faz memória ao mistério do Calvário, ou seja, a crucificação e morte de Jesus Cristo.

Como já dito, o início da cidade de Bocaiúva é contado em duas versões: a oficial (já relatada) e a mítica, passada de geração em geração e toca diretamente a devoção ao Senhor do Bonfim. Para Amorim (1999) e Araújo (2020) a versão mítica relata que uma imagem de Cristo Crucificado – Senhor do Bonfim – era transportada de São Paulo para a Bahia. Em virtude da distância a ser percorrida, os viajantes descansaram, quando chegaram na atual cidade de Bocaiúva, e adormeceram à sombra de uma gameleira.

No amanhecer, estavam prontos para seguirem viagem, porém, quando levantara a caixa com a imagem, ela estava misteriosamente mais pesada. Ribeiro (1988) conta que tentaram carregar a imagem até a estrada que dava acesso a Montes Claros, e, em virtude do peso, não conseguiram prosseguir. Novamente pararam para passar a noite e ao acordar perceberam que a imagem já não estava onde eles a deixaram. Percorreram o caminho feito e encontraram na sombra da gameleira e não conseguiram levá-la.

Perante isso, Ribeiro (2013, p. 42) diz que,

[...] foi deliberado pelo grupo que ela permaneceria onde estava por escolha do próprio Senhor do Bonfim. Nascia ali o povoado do Bonfim, hoje Bocaiúva, tendo sido organizado o arranjo territorial iniciado com a construção da capela e as moradias no entorno, até para se chegar mais rápido às práticas religiosas; o primeiro bairro de Bocaiúva foi Bonfim.

Salienta-se que, nas duas versões, o fator religioso é importante para a criação e expansão de Macaúbas. A presença da imagem, e a construção da capela para abrigá-la, levaram à construção dos casebres no entorno. Consequente à presença dos fiéis, tem-se o desenvolvimento de outras atividades, especialmente o comércio. Araújo (2020, p. 69) explica:

Nessa época, Bocaiúva recebeu o nome de Curato de Macaúba, quando estava sob o domínio da família de Faustino, mas com parte de suas terras doadas para a igreja, permanece estagnada durante alguns anos. Somente no início do século XIX que foi se transformando em comunidade organizada à medida que novas pessoas se instalaram na “terra abençoada”.

Na perspectiva apresentada por Rosendahl (2001) a criação das cidades e do urbano tem em sua gênese a presença do sagrado. “O espaço cotidiano de uma aldeia não é a justaposição de campos, habitações e florestas. É povoado de lugares e caminhos privilegiados que permitem esboçar, em escala local, uma espécie de geografia do sagrado” (ROSENDAHL, 2001, p.12). Deste modo, a construção da capela marca a ocupação, mas também estabelece um espaço sagrado, visto que ali a imagem tornou-se misteriosamente pesada, indicando seu desejo de permanência naquela terra, na crença dos devotos. Tem-se, deste modo, uma hierofania, uma manifestação do sagrado.

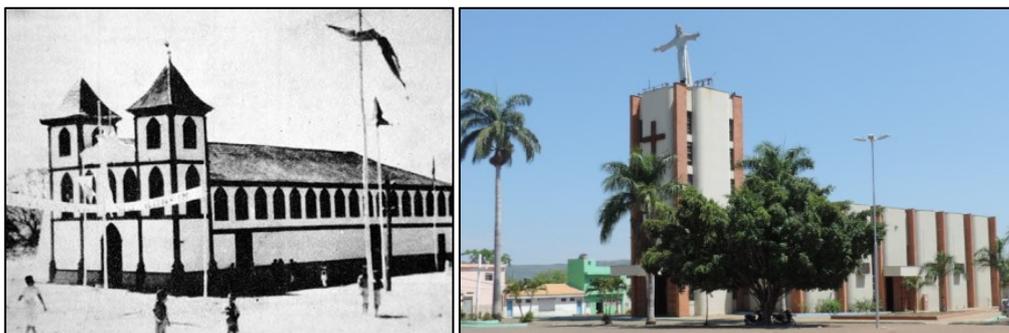
O espaço sagrado é fruto de uma experiência com o sagrado, quase sempre a partir da hierofania; entretanto, é uma experiência individual, subjetiva e emocional. Deste modo, existe uma dificuldade em criar tipologias do espaço sagrado. Contudo, de acordo com as reflexões propostas por Rosendahl (2018), os espaços podem ser fixos e não fixos, não exigindo uma territorialidade definida. Os espaços sagrados móveis, especialmente os católicos são marcados pela mobilidade dos festejos em honra dos santos. “O espaço sagrado está na casa do festeiro, e a festa é organizada pelos agentes não eclesiais, isto é, pessoas que não desempenham trabalho religioso especializado” (ROSENDAHL, 2018, p. 82).

Os símbolos são elementos importantes na identificação destes espaços. Por exemplo, os costumes católicos marcam o cotidiano e o espaço nestas localidades. As cruces e cruzeiros erguidos nas ruas e casas transformam, especialmente nas festas dos padroeiros, os espaços do cotidiano profano em espaços sagrados móveis, visto que naquele período tem-se ali a manifestação do sagrado.

A festa do Senhor do Bonfim mantém viva a memória de fundação da cidade, mesmo entre os não católicos. Como afirma Ribeiro (2013, p. 42), “a continuidade das festividades em comemoração ao Senhor do Bonfim é reafirmada e consolidada até mesmo entre a

população não católica, quando, a cada ano, nas duas primeiras semanas de julho, o povo se prepara para as festividades religiosas, ensinadas pelos ancestrais”. A memória, o rito e a devoção estão presentes na história da cidade, mas são, igualmente, parte da cultura de cada cidadão.

As figuras 3 e 4 apresentam o templo da Matriz do Senhor do Bonfim, erguida na Praça Cônego Maurício Gaspar, na área central da atual cidade de Bocaiúva e que marca sua expansão. Atenta-se que o crescimento da devoção pode ser observado pelas dimensões do templo, por isso, a capela erguida passou por reformas ao longo da história.



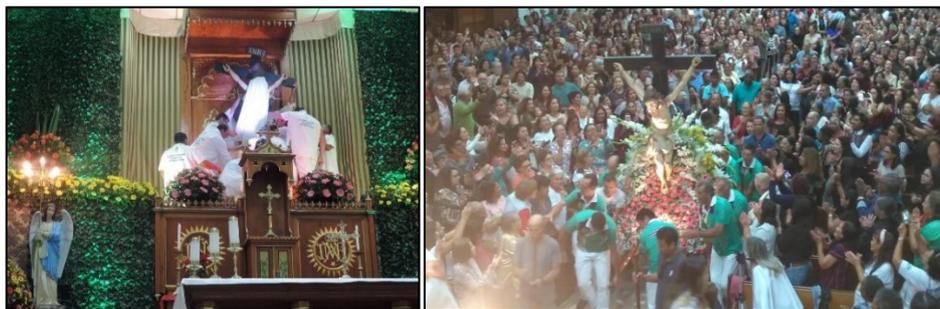
Figuras 3 e 4 – Fachada da Matriz do Senhor do Bonfim em Bocaiúva – MG.

Fonte: senhordobonfim.net.br

A Matriz antiga foi demolida na década de 1980 para a construção da atual, com capacidade para 2 mil pessoas. A observação das modificações e ampliações do templo citado nos leva a corroborar com Rosendahl (2018, p. 205), que o espaço sagrado se distingue do espaço profano, não apenas pela marca na paisagem, mas também, porque é “[...] campo de forças e valores que eleva o homem religioso acima de si mesmo, transportando-o para um lugar distinto daquele no qual transcorre seu cotidiano”. Desta forma, a construção e ampliação dos templos relacionam-se com a difusão da fé e/ou devoção.

As festividades em honra ao Senhor do Bonfim acontecem anualmente nos primeiros 15 dias do mês de julho. A programação da festa é marcada tanto por uma ampla programação religiosa, como também com shows não religiosos. Destaca-se, na programação, a descida da imagem no início da Festa e a subida desta ao seu lugar usual ao término da mesma. As figuras² 5 e 6 deixam em evidência tais práticas religiosas, e a importância da imagem para a experiência do sagrado para o fiel.

²Todas as fotos deste trabalho foram retiradas da *fanpage* da Paróquia Senhor do Bonfim no Facebook.com. São todas da festa no ano de 2019. Em virtude da pandemia COVID-19 as celebrações foram transmitidas



Figuras 5 e 6 – Descida da Imagem do Senhor do Bonfim.

Fonte: facebook.com/paroquiasenhordobonfim

Na programação religiosa constam as celebrações da Missa tanto na parte interna quanto externa, especialmente nos finais de semana e no encerramento da festa, momento em que a cidade recebe cerca de 150 mil pessoas para as celebrações. Os peregrinos têm origens diversas, em sua grande maioria são do próprio estado. As celebrações na parte externa ao templo reforçam a área de abrangência daquele espaço sagrado. Além de proporcionar a interação entre os espaços sagrados e profanos, como mostram as figuras 7 e 8.



Figura 7 – Celebração na parte externa da Matriz do Senhor do Bonfim.

Fonte: facebook.com/paroquiasenhordobonfim

pela internet e as procissões pelas carreatas para respeitar as medidas de distanciamento social estabelecidas pela vigilância sanitária do município.

Na figura 7, têm-se os fiéis participando das celebrações, que normalmente encerram as procissões. A figura 8, divulgada pelo site da prefeitura municipal para divulgação da festa, coloca em evidência a sua importância cultural, mas também para o seu dinamismo econômico, tendo em vista não apenas os romeiros, mas também os turistas que se deslocam em busca do entretenimento como os shows, que acontecem na praça da Igreja e são gratuitos.



Figura 8 - Show na Praça da Matriz do Senhor do Bonfim: Bocaiúva – MG.

Fonte: <https://www.prefeituradebocaiuva.com.br>.

Outro elemento presente nesta relação entre os espaços sagrados e profanos são os vendedores ambulantes e mascates³ presentes durante toda a festa. Alguns se instalam na praça da Igreja e os mascates em seu entorno. Esses grupos de vendedores marcam o comércio popular e não religioso durante a festa. Especialmente os mascates fazem parte dos festejos. A presença de elementos religiosos e não religiosos nesta festa transforma e amplia sua abrangência para além dos devotos, mas a torna um elemento cultural, vivo, dinâmico, e em constante transformação.

As solenes procissões são práticas religiosas comuns no catolicismo, representam a igreja que caminha em unidade. O seu caminhar sacraliza, mesmo que temporariamente aquele espaço cotidiano. Deste modo os grupos religiosos marcam de modo distinto a paisagem, suas formas e essências. Para Rosendahl (2018, p. 389):

³ As terminologias vendedores ambulantes e mascates são entendidos neste trabalho, a partir do uso dado pelos devotos, os primeiros seriam os comerciantes de bebidas e comidas e os mascates são aqueles que comercializam itens como: roupas, objetos de casa, plantas e outros.

A procissão é um ato de culto externo em que se manifestam como mais exuberância o sentimento popular; ela se destaca como momento mais importante da uma festa religiosa na cidade ou durante uma romaria ao santuário visitado.

As procissões são momentos de forte devoção sendo acompanhada por inúmeros fiéis, como é observado na figura 9.



Figura 9 – Procissão na Festa do Senhor do Bonfim.

Fonte: facebook.com/paroquiasenhordobonfim

Os devotos, reunidos, marcham pelas ruas da cidade e transformam este momento de piedade popular, em um momento de hierofania, no qual eles fazem a experiência com o transcendente que caminha com eles e entre eles. As procissões destacam-se também pela passagem dos quadros vivos (figuras 10 e 11) que trazem cenas importantes para os devotos, normalmente cenas descritas na Bíblia.



Figuras 10 e 11 – Quadros vivos na Procissão do Senhor do Bonfim.

Fonte: facebook.com/paroquiasenhordobonfim

Os espaços sagrados móveis são muito comuns em festas como a citada, visto que, a casa do devoto que recebe a bandeira com a imagem do padroeiro se torna, durante o tempo da festa, um local de manifestação do sagrado, sendo comum a reunião dos devotos em momentos de oração. As figuras 12 e 13 mostram a procissão organizada para buscar a bandeira e a reunião dos fieis na casa do festeiro.



Figuras 12 e 13 – Procissão da Festa do Senhor do Bonfim.

Fonte: facebook.com/paroquiasenhordobonfim

Pontua-se que a procissão traz em si outros símbolos católicos como a cruz, que se refere à cruz de Cristo, as velas, indicativas à presença do divino, mas também o compromisso de cada fiel em ser luz de Cristo no mundo. Tais símbolos fazem referência a trechos do Evangelho, no qual os seguidores de Jesus são convidados a serem a luz do mundo e tomarem a sua cruz no seguimento. Deste modo, as procissões marcam a cidade, mas refletem também a fé e o comportamento dos devotos.

Compreendemos, por isso, que o sagrado se impõe e não é criado, mas é fruto de uma experiência do fiel que o conduz à transcendência. Deste modo, o espaço sagrado é lócus desse acontecimento e desta manifestação. Sua pluralidade de ações e sentimentos torna difícil pensar em tipologias. Entretanto, partindo das análises de Rosendahl (2018), refletiu acerca dos espaços sagrados fixos (a Matriz do Senhor do Bonfim) e os móveis (como as procissões e a casa do guardião da bandeira), além da interação dos espaços sagrados e profanos, que acontecem na praça da Matriz do Senhor do Bonfim durante os seus festejos.

Assim, o elemento religioso é parte integrante do cotidiano da cidade. Esta deve ser percebida para além de sua dimensão econômica, mas como um mosaico e palco de distintos fenômenos que estão interrelacionados.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A religião, parte integrante e constituinte de diversas culturas, é por sua vez, natural da condição humana e interfere diretamente no modo como os indivíduos relacionam com o espaço, materializando suas necessidades e singularidades. A abordagem geográfica da religião consiste na busca pela compreensão da modificação do espaço pelo homem religioso e suas práticas, deste modo, a religião é também um fenômeno espacial. Religião e espaço não são excludentes entre si, contrariamente, dialogam e fornecem base para a formulação de princípios e articulações. Pontua-se que o interesse da Geografia no estudo da religião refere-se à experiência da fé no tempo e no espaço, tendo em vista que, tal experiência modifica a relação e interação do homem com o meio.

Perante o exposto, consideramos que a religião é presente na formação e expansão das cidades brasileiras, como é o exemplo de Bocaiúva, onde a devoção ao Senhor do Bonfim foi e é crucial. As primeiras casas foram construídas nas proximidades da capela, erguidas em honra ao Senhor do Bonfim. A Matriz do Senhor do Bonfim marca a paisagem e estabelece ali um espaço sagrado, no qual o fiel faz a experiência do sagrado. Durante a festa, o espaço sagrado fixo do templo cria espaços sagrados móveis, estes são também lugares de oração e encontro, distinguindo-se do cotidiano profano. A festa em tela traz à cidade milhares de devotos, que alteram a dinâmica local e movimentam o comércio e atraem vendedores ambulantes e mascates.

Diante desta reflexão, pode-se afirmar que a cidade no momento hodierno é palco de diversos atores que constroem a diversidade da cena urbana e organizam seus espaços. Deste modo, o urbano é olhado para além das dinâmicas econômicas, mas pela reprodução da vida e da cultura. Enfim, entende-se que privilegiar o aspecto cultural no fenômeno urbano, não é negligenciar outras variáveis, mas é pensar numa cidade total e plural.

REFERÊNCIAS

AMORIM, J. R. D. **Oligarquias, coronelismo, caciques e populistas**. Unimontes, Montes Claros, 1999. 143p.

ARAÚJO, G. H. A. **Interação Usuário e Espaço Público**: estudo sobre as praças de Bocaiúva/MG. 2020. 173 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) -Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes, Montes Claros, 2020.

CLAVAL, P. Le thème de la religion dans les études géographiques. **Géographie et cultures**, n. 2, p. 1-25, 1992.

CORRÊA, R. L. Carl Sauer e a Escola de Berkeley – uma apreciação. In ROSENDAHL, Z; CORRÊA, R. L. (Org.). **Matrizes da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2001. p. 09-34.

ELIADE, M. **O sagrado e o Profano**: a essência das religiões. 4. ed. São Paulo: Editora Martins Fonseca, 2018. 142p.

FRANÇA, I. S. de. **Cidade Média e Suas Centralidades**: O Exemplo de Montes Claros no Norte de Minas Gerais. 2007. 256 f. Dissertação (Mestrado em Geografia e Gestão do Território) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2007.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**, 2010.

LEITE, M. E.; PEREIRA, A. M. A expansão urbana de Montes Claros a partir do processo de industrialização. In: PEREIRA, A. M.; ALMEIDA, M. I. S. de (Org.). **Leituras Geográficas sobre o Norte de Minas Gerais**. Montes Claros: Editora Unimontes, 2004. p. 33-51.

PEREIRA, A. M. **Cidade média e região**: o significado de Montes Claros no Norte de Minas Gerais. 2007. 347 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2007.

RIBEIRO, E. M. F. **Uma Geo-história de territorialidade norte-mineira**: o caso dos lavradores de Mocambo (Bocaiúva – MG). 2013. 208 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Social) - Universidade Estadual de Montes Claros. Montes Claros, 2013.

ROSENDAHL, Z. **Uma Procissão na Geografia**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2018. 408p.
Hierópolis: o sagrado e o urbano. Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2009. 110p.

ROSENDAHL, Z.. Espaço, política e religião. In ROSENDAHL, Z; CORRÊA, R. L (Org.). **Religião, Identidade e Território**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 09-38.

Recebido: 04.10.2021

Aceito: 23.03.2022